

ALFREDO KEIL

AUCTOR DA D. BRANCA



O entusiasmo sincero e espontaneo despertado pela representação da *D. Branca* no espirito de todos os *dilettanti*, o interesse manifestado pela imprensa nas suas largas apreciações e ainda a curiosidade do publico geralmente indifferente ao nosso movimento lyrico, são provas evidentiſsimas do alto merecimento do trabalho de Alfredo Keil, cujo talento robusto e já finamente manifestado em anteriores produções, acaba de revelar-se agora pujantemente na inspirada partitura da *D. Branca*.

Por ahí...



Os recentes e importantísimos acontecimentos tem subdividido n'um grande número de parcelas a atenção dos lisboetas.

Os amadores de incidentes políticos discutem o comício, por partidas dobradas, do Porto.

Os *aficionados* de história natural meditam sobre a phoca do Coliseu.

Os *diletanti* da política europeia occupam-se do fallecimento do imperador da Allemanha.

Os apaixonados pelas tentações da carne preoccupam-se com a companhia dos quadros plasticos.

E, entretanto, todas estas preocupações — digamol-o em abono dos sentimentos moraes, civis e religiosos, do lisboeta — todas estas preocupações não attingem no seu espirito uma duração relativamente superior á das esparvonadas rosas de Malherbe!

Sim! O indigena discute os comícios mas só quando lê os telegrammas do Porto.

Medita sobre a phoca, mas apenas emquanto ella phoca faz no Coliseu o que a mulher d'elle indigena não faz em casa: cozer á machina.

Occupam-se do fallecimento do imperador Guilherme, mas simplesmente para se lastimar de não poder assistir ás exequias—o que ha de ser obra de se lhe tirar o chapéu.

Preoccupam-se com a companhia dos quadros plasticos, mas unicamente emquanto não encontra outra qualquer *companhia* para o resto da noite...



Verdadeiramente no fundo, o indigena não pensa senão nas amendoas, que nos estão batendo á porta e que já começam a apparecer, em bandos volumosos, pelas vitrines de muitas confeitarias.

Esta affeição do indigena pela pessoa das amendoas data de epochas immemoriaes e tem uma grande razão de ser.

Porque a amendoa não é exclusivamente uma gulodice de occasião, destinada a suavisar, pela Paschoa, o pigarro nascido na garganta pelo abuso quaresmal do bacalhau cosido com batatas.

A amendoa é mais do que isso, porque é um symbolo nacional!

N'aquelle pequeno artigo de confeitaria, composto d'uma fruta trivial rebuçada de assucar mascavado, occulta-se a synthese mais perfeita, mais completa, mais acabada, do que sejam os nossos costumes, os nossos feitios, os nossos caracteres!



— A amendoa o que é?

— Uma fruta secca, quantas vezes deteriorada, quantas vezes sedica, quantas vezes amarga, quantas vezes macrobia, mas que se nos apresenta mascarada n'um grosso *robê de chambre* assucarado e branco como o gesso—em que, a maior parte das vezes, vac buscar a cêr...

Nós sabemos bem da podridão que frequentemente lhe vac nos intestinos, mas fazemos vista grossa, mer-

cê, do aspecto puro e são que lhe reveste os exteriores.

Dos homens, como das amendoas, pensamos exactamente o mesmo.

Quantos conhecemos nós, em cujo caracter vil, em cujos sentimentos baixos, em cuja alma apodrecida lêmos como n'um livro aberto, o que não impede entretanto que lhe estendamos a mão, que o apertemos nos braços, que o festejemos e o acarinhemos — merecê do aspecto grave, da casaca solemne, da commenda illustre que lhe revestem o exterior?...

E eis ahí como se explica e como tem uma grande razão de ser esta affeição do indigena pela pessoa das amendoas.

É que o indigena vê na amendoa uma fidelissima miniatura da sua propria individualidade...



COISAS DO CORREIO

A administração dos *Pontos nos li* entregou ha cerca d'um mez, nas mãos da sua collega, a administração dos Correios, varios recibos na importancia de cento e tantos mil réis, para serem cobrados de alguns dos nossos assignantes das provincias.

Já lá vão dois pares de sapatos—e de sola e vira—estafados pelo nosso continuo, em carreirinhas da administração dos *Pontos* para a administração do Correio e os recibos ainda nem sequer foram expedidos para o seu destino!

Dizem-nos que o empregado encarregado d'esse serviço adoeceu, deixando os recibos fechados na gaveta, e assim se lhes não pode dar andamento, por não haver outro empregado que o substitua n'aquelle genero de serviço.

Lá que o pápa seja considerado *infallível*, isso pouco nos importa, uma vez que não faz transtorno ao andamento regular das nossas cobranças; mas que nos queiram impingir como *insubstituível* um amanuense da administração dos correios, isso é que nos vac parecendo monopolio em demasia na classe dos adjectivos...

Protestamos, em nome da Carta Constitucional, que garante a liberdade de todos os cidadãos—incluindo os adjectivos—e em nome dos nossos cobres, que representam o *substantivo* da nossa bolsa.



A Academia de Bellas Artes

O vocabulo *Artes* vac-lhe de mais no titulo, visto como aquella corporação está justificando no seu procedimento ser apenas uma *Academia de Bellas*, que é assim como quem diz uma *Philharmonica de Caneças*.

Um facto recente poz a descoberto toda a *seriedade* dos academicos... de Bellas.

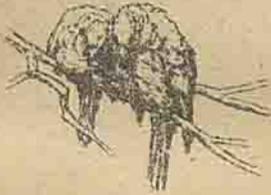
Tinham resolvido não fazer concurso de paisagem, assim de protegerem um afilhado no concurso de esculptura. Como os aggravados por esta resolução reclamassem ao ministro do reino e este mandasse abrir o concurso que se pretendia preterir, o que fizeram os academicos... de Bellas? Abriram o concurso, mas já

com ella ligada de o annullarem mais tarde, para assim poderem realisar o almejado concurso de esculptura.

Este *joguinho* dos academicos... de Bellas, dá um resultado que o concorrente Reis, um moço de provado talento e reconhecidas aptidões, que devia este anno obter a classificação, não a obtem, ficando privado de tomar parte no concurso do anno futuro, por haver excedido a idade.

É uma batotinha muito bem imaginada, mas esperamos que o sr. ministro do reino ordene pelas vias competentes uma rusga em fórma á *batotinha* dos academicos... de Bellas.

A Academia não se creou para fazer concorrência aos primeiros andares da rua do Arco do Bandeira.



Saldes, palcos e circoas



No proximo sabbado é no theatro de D. Maria a primeira representação de *Luit XI*, primorosamente traduzido por Lopes de Mendonça, o formidavel poeta do *Duque de Viqueu*, laureado na imprensa, laureado no theatro, laureado na

academia, laureado por junto, em summa.

A peça sob á scena em beneficio de João Rosa, o talentoso artista que já está na *reserva* — só para os effeitos da aposentação, felizmente — por isso que no theatro continúa na actividade do seu papel de mestre na arte — o que vem a dizer que a tal reserva é no fim de contas uma *reserva de mestre*.

O nome de Lopes de Mendonça e o nome de João Rosa são motivo para que no proximo sabbado o theatro de D. Maria se vista das mais formosas galas — e com duas andainas de fato: uma em honra do artista, outra em honra do poeta. E não é demais: tanto para os merecimentos d'elles como para o frio impertinente que ainda faz.



As allemãs dos *quadros vivos*, que trabalham no theatro dos Restauradores, são alli todas as noites alvo das mais calorosas ovações, alvo dos olhares mais concupiscentes — e não sabemos se alvo de mais alguma coisa. São, em resumo, alvo de tudo, o que nos leva do diabo pela negação que temos ás armas de fogo, visto como a occasião se nos afigura das mais lisongei-ras para atirar ao alvo...

Este successo obtido pelas allemãs dos *quadros vivos* vem justificar a suspeita em que estavamos de que a corrente de opinião publica em Lisboa pende agora muito para as coisas allemãs...

Pela manhã, no seio das familias, á hora da leitura do *Diário de Noticias*, não se falla senão da morte do imperador allemão.

Á noite, nos botequins, á hora do café e cognac, não se falla senão da vida das allemãs dos quadros vivos. Decididamente, a Allemanha está em moda!

A moda franceza vae pois decahindo entre nós, uma vez que a moda allemã começa a manifestar-se tão evidentemente.

O *turnure* francez ainda campeia, isso é verdade, mas campeia atraz d'uma pessoa, ao passo que os quadros allemães campeiam adiante de muitas pessoas.

E, adiante, parece-nos muito melhor campo para campeiar... Adiante!...



Paulo Plantier, a cuja iniciativa se deve, como já dissemos, a esplendida traducção que José Ignacio d'Araujo fez da comedia *Socrates e sua mulher* e que é por conseguinte como que o paé d'essa producção de que o José Ignacio é a mãe; Paulo Plantier assiste a todas as representações do *Socrates* e é justamente inexoravel de critica para quem não applaude phreneticamente aquella producção.

Na recita de hontem, Paulo Plantier ficou ao lado d'um sujeito que não applaudiu em toda a peça e que, mesmo depois de baixar o panno, não deu nem uma unica palma.

Plantier, exasperado, não se conteve que lhe não dissesse:

— Enião o sr. não dá palmas?!

— Não, senhor; respondeu o interpellado muito serenamente.

— Então porque?!...

— Por isto...

E estendeu para elle as mangas do casaco... Era um manêta...



Na noite da primeira representação da *D. Branca*, Gustavo entra em casa ás 4 horas da madrugada.

A esposa muito assustada, pelo adiantado da hora:

— Santo Deus! D'onde venstú, quasi de madrugada?!

— Ora essa! Venho da *D. Branca*... Duvidarás por ventura?

— Não duvido, não... Como prova de que vens da *D. Branca*, até trazes o casaco todo branco de pó d'arroz...



Francisco Tavares

Politica em bolandas



A politica foi esta semana esparecer fóra de portas.

Ha muito que ella andava visivelmente necessitada d'um passico fóra da cidade, para refazer de ar novo os pulmões enfermos, e obrigar a algum exercicio as pernas dormentes

de inação.

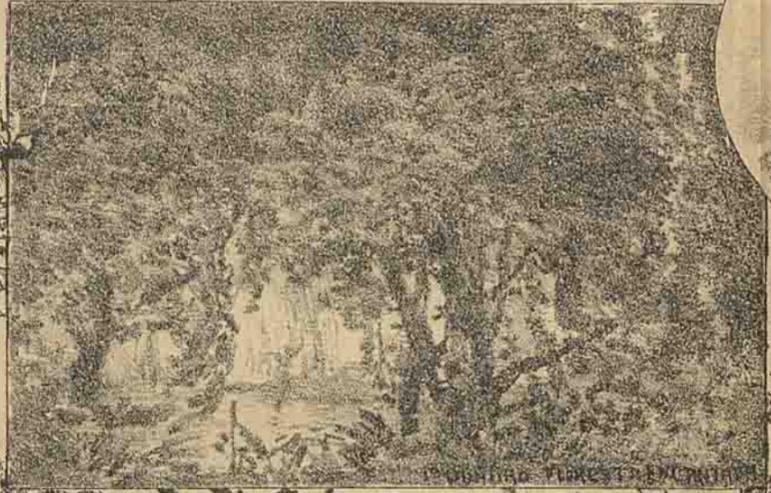
Aquella sala de S. Bento é muito pouco ventilada.

THEATRO DE S. CARLOS

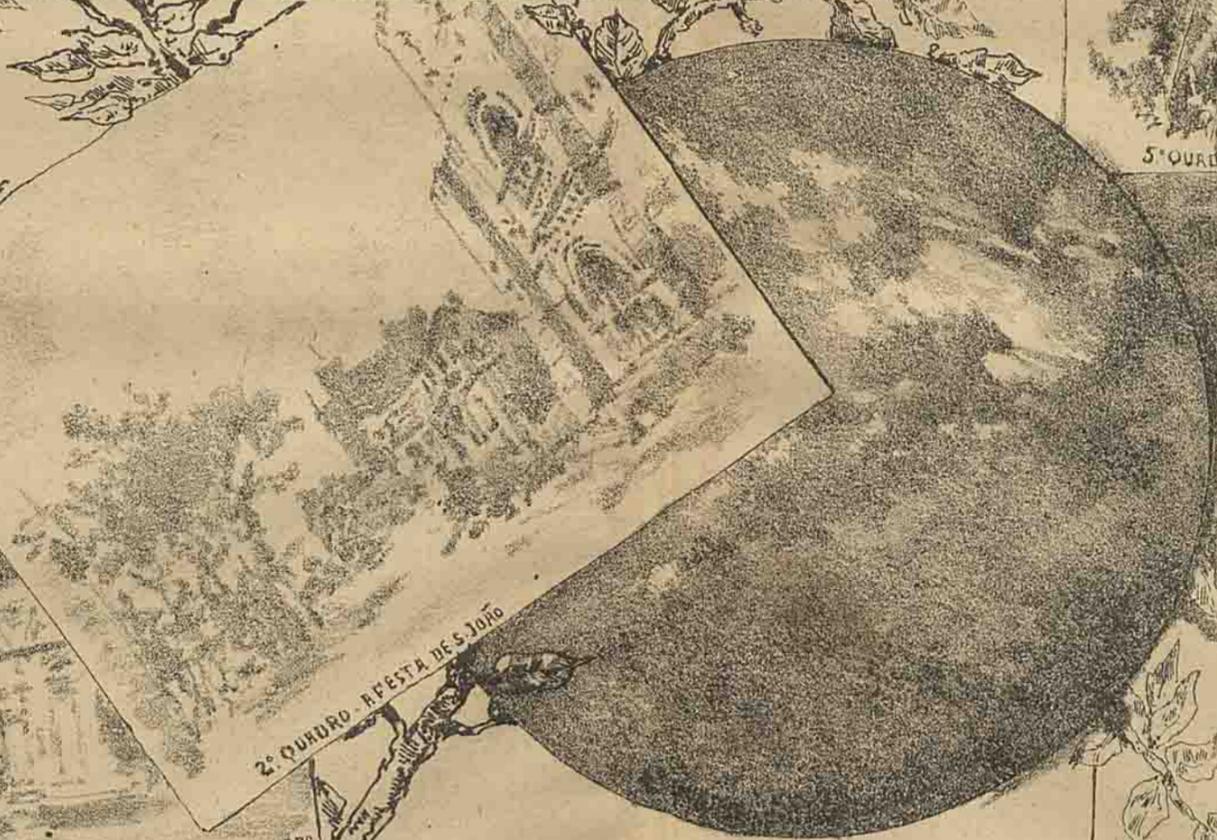
O SCENARIO DA D. BRANCA



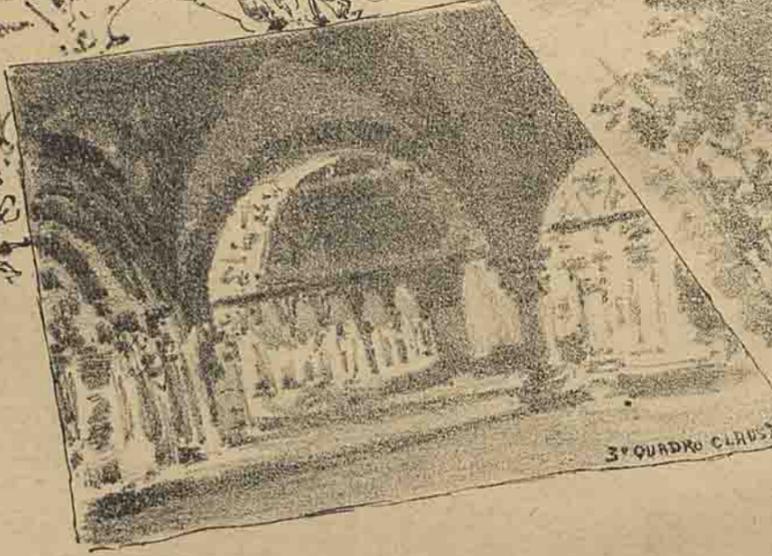
Maniá, como sempre, o soberbo scenographo inimitavel de composição e execução artistica.



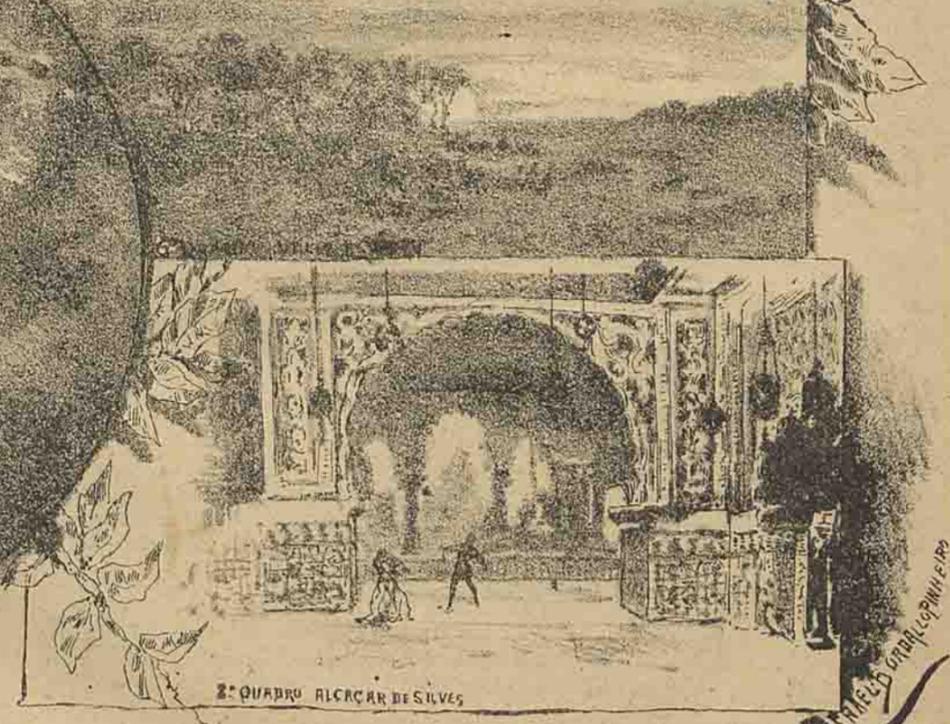
5º QUADRO - PRAÇA



2º QUADRO - FESTA DE S. JOÃO



3º QUADRO - CLAUSTRO DE HOLGAS



4º QUADRO - ALCAÇAR DE SILVES

THEATRO DE S. CARLOS

A atmosphera ali sante-se viciosa, saturada de rhetorica bolorenta, de logares communs cobertos de bafio, que fazem muito mal aos orgãos respiratorios da pobre politica. E ella, coitada, andava já com uma tosse cavernosa e um pigarro de conego capazes de resistir a quatro bahús de pastilhas Geraudel!

Urgia dar-lhe um passeio longo, que lhe abrisse o appetite e lhe retemperasse os orgãos.

Porque a politica não é de ferro: é de carne e osso como toda a gente.—De carne para os que andam n'ella e de osso para os que estão de fóra...

Nós não precisamos, de véz em quando, fazer a nossa passeiata de recreio?—Precisamos. Pois ella tambem precisa.

E, tanto precisa, que ainda não ha muito tempo se deu o casô da politica ir para Cascaes, na pessoa do sr. Hintze Ribeiro, e por signal que empenhou lá—a politica, é bem de vêr—vindo para Lisboa dár á luz uma robusta leisinha—fructo d'aquelle passeiata e concebida á sombra embalsamada dos pinhaes de Caneças.



D'esta vez a politica não se contentou com um simples passeio a Caneças, no *char-à-banc* do Florindo. Quiz ir mais longe: quiz ir ao Porto e viajar de caminho de ferro.

Deus queira que ella para a outra vez ainda vá mais longe, visto que, a manter-se esta proporção longitudinal, temos esperanza de que a politica ainda chegue a ir espaiírecer para os quintos dos infernos...

O dia do passeio não foi lá muito bem escolhido, por que choveu agua a potes, mas a politica é creatura que não recua ante rios de sangue, quanto mais diante de pingos de agua.

Lá foi pois, a politica do governo e a politica da opposição—que é assim como quem diz, a politica de ambos os sexos—atear o fogo santo das convicções partidarias, para, depois do fogo ateado, cada um chegar a brasa á sua sardinha.

Qual leva melhor braza, não o podemos nós saber, porque os jornaes governamentais chamam á braza muito sua, dando o fogo do visinho por apagado, ao passo que as folhas da opposição teem exactamente o mesmo modo de vêr as coisas... do outro lado.



A proposito do comicio para dois, realisado domingo na cidade invicta, escreve o *Diario Popular*:

«Em segundo logar a serpia tinha mandado espalhar pasquins na cidade com o seguinte: «Quem quizer pagar impostos vá ao comicio do theatro do Principe Real promovido pelos-progressistas.» E o resultado de tudo isto foi terem recepção brilhantissima os cavalheiros progressistas que foram de Lisboa e ser enormemente concorrido o comicio no theatro do Principe Real, cuja sala é muito maior que a do theatro de S. João.»

E andam para ahí a estafar-se os emprezarios dos theatros, promovendo por todas as formas o reclame dos seus espectaculos e succedendo-lhe muitas vezes ficar a casa ás moscas, quando o remedio para as enchentes está ali, n'aquelle curioso expediente apontado pelo *Diario Popular*.

Basta o emprezario do theatro de Tal mandar pôr em lettra gorda nos cartazes: «Quem quizer pagar impostos vá esta noite ao theatro de Tal» para que se lhe

encha como um ovo o theatro de Tal. Tal qual!

Este expediente parece-nos utilisavel para todo o genero de negocio, e por isso aconselhamos o Fonseca a que annuncie em todos os jornaes—**QUEM QUIZER PAGAR IMPOSTOS vá á rua do Arsenal, ao cambista Antonio Ignacio da Fonseca.**

Não lhe fica nem uma cautella para a loteria hespanhola do dia 16!



Gente fina



Esta secção resolveu tratar os anniversarios natalicios ainda com maior aspereza de que Jesus Christo tratou os vendilhões do Templo. Elle expulsou os vendilhões: esta secção não consentiu sequer que os anniversarios lhe transpozesses os umbraes, para se não ver depois obrigada a pôl-os ao fresco.

Como, porém, não ha regra sem excepção, cabe-nos hoje justificar esta regra abrindo uma excepção em honra de Camillo Castello Branco, o critico sem segundo, o polemista invencivel, o romancista inimitavel, o idolo litterario de todos nós, cujo anniversario natalicio é amanhã, 16 de março, pelo que o felicitamos com effusão, mandando-lhe n'um abraço cordelissimo toda a expansão sincera do nosso jubilo, do nosso affecto e da nossa veneração.



O BOM SUCESSO

O Reporter, jornal bom,
Que em bom papel anda impresso,
Disse que o Carlos Valhom
Teve ha pouco um bom successo!

A' policia agora caiba
Syndicar e sem tardança,
Pois é mister que se saiba
Quem seja o pae da criança.

De contrario, sem reserva,
Poderá dizer alguém
Que o *petiz* é qual Minerva
—Apenas filho da mãe...



«Veja-se nos annuncios os grandes armazens do *Printemps de Paris*».

THEARO DE S. CARLOS

OS VESTUARIOS DA D. BRANCA



OS COMICIOS



— Uns pedem-me que conserve o governo; devia empregar o vinagre, para a conserva. Outros pedem-me que o faça cahir; devia empregar o azeite para elle *escorregar*... Para satisfazer a ambos, vac azeite e vac vinagre, e vac salsa e vac coentro, e assim arranjo uma *sallada* para os *assados* em que me vejo.